

Existe criatividade? A visão do behaviorismo radical

Christina Cupertino¹; Thiago P. de A. Sampaio²

Resumo: As diferentes bases filosóficas e concepções de mundo e de homem impedem uma conceituação unívoca de qualquer fenômeno humano no campo do estudo psicológico, inclusive da criatividade. A visão behaviorista radical da criatividade é interessante, por defender a inutilidade do conceito de mente para explicar as ações humanas, pois, em última instância, nosso comportamento seria determinado exclusivamente pelo ambiente. Este artigo busca explicitar a visão behaviorista radical de criatividade, de como surgem os comportamentos novos, e a criação artística.

Palavras chave: behaviorismo radical; criatividade; criação artística.

INTRODUÇÃO

É imprescindível, logo na Introdução desse artigo, esclarecer a união, numa mesma publicação, de dois autores de orientações tão diferentes. O que é possível ser compartilhado entre uma professora/pesquisadora da criatividade, defensora militante da abordagem fenomenológica existencial heideggeriana, e um psicólogo que, desde o início de sua carreira, se dedica a uma perspectiva hoje em dia tão rara na atuação dos psicólogos, que é o behaviorismo radical?

Nossa convivência teve início como relação professora-aluno, na área de estágio Oficina de Criatividade, oferecida aos alunos do 5º ano de Psicologia da Universidade Paulista, em São Paulo, Brasil. Esse estágio, basicamente vivencial, visa o desenvolvimento pessoal do aluno de Psicologia, sensibilizando-o para as possibilidades de transformação nas relações interpessoais e para a escuta do que é diferente. É também o lugar por excelência para a atenção à diversidade e o estabelecimento do trânsito entre as experiências vividas em classe e as variadas formas de pensar dos participantes, engajados com uma multiplicidade de abordagens psicológicas entre as quais, nesse grupo específico, surgiu a condição de apresentação e debate da visão do behaviorismo radical sobre a criatividade.

¹ Doutora em Psicologia, professora e pesquisadora da Universidade Paulista nas áreas de talento e criatividade, coordenadora do Programa Objetivo de Incentivo ao Talento, sócia fundadora do Conselho Brasileiro para Superdotados (ConBraSD).

² Psicólogo da Associação Brasileira de Esclerose Múltipla (ABEM), colaborador do Ambulatório de Ansiedade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo – AMBAN-HC-FMUSP e vice-presidente e

Essa interessante situação nos permitiu confrontar duas perspectivas aparentemente opostas. Se, por um lado, podemos observar, sob a ótica existencial, que a experiência e o cotidiano nos apresentam pessoas capazes de inovar, viver e promover mudanças, por outro, como podemos entender isso através de um pensamento que nos diz que simplesmente respondemos a estímulos? O próprio fato de termos estabelecido, ao longo de um ano letivo, o diálogo a partir de pontos de vista que, segundo os cânones tradicionais do pensamento psicológico, estão em flagrante e radical oposição, mobilizou-nos a produzir um trabalho pelo qual fosse possível, principalmente, desmistificar preconceitos dirigidos à possibilidade de esclarecimento da criatividade para o behaviorismo radical. É nossa intenção, através desse texto, proporcionar a mesma condição deflagradora de debate que pudemos vivenciar ao longo de nossa convivência, através da apresentação de um ponto de vista pouco explorado nos estudos da criatividade, em função de uma série de idéias pré-concebidas que se tem sobre ele, e que foram revistas ao longo de nossos contatos.

Mais importante que isso, no entanto, é a tentativa de provocar discussão que possa contribuir para tornar evidente o caráter **complexo** desse fenômeno – a criatividade – cuja compreensão vem sendo buscada através dos mais variados ângulos por diferentes domínios. Além disso, por ter como argumento o fato de que a criatividade é passível de aprendizagem, o artigo pode trazer contribuição relevante quanto à discussão das condições para que essa aprendizagem se dê.

As mais diversas orientações teóricas em psicologia utilizam conceitos como vontade, consciência, livre-arbítrio, *self*, entre outros, definindo-os de maneiras diferentes, cada uma baseando-se em sua visão própria de homem e de mundo. A criatividade não foge a essa regra. É campo fértil para especulações teóricas que procuram dar conta do terrível empreendimento que é defini-la (Cupertino, 2001). Pensamos a criatividade de forma diferente se vemos o homem como um ser repleto de energia sexual reprimida que busca realização de um desejo de modo “aceitável”, através de uma espécie de negociação entre certas instâncias psíquicas, ou se o encaramos como um ser “condenado à sua liberdade” e à conseqüente responsabilidade que isso traz. E se consideramos que todo comportamento humano é determinado pelas contingências existentes no ambiente, a idéia de criação original e voluntária talvez não passe de uma ilusão mantida por relações de reforçamento.

A criatividade é normalmente reconhecida nas obras de arte, onde usualmente nos referimos à ‘genialidade do pintor’ ou ao ‘talento do músico’. Encaramos a criação como fruto da subjetividade do

artista. Se nosso comportamento é determinado e modelado pelo ambiente, qual seria o mérito do artista? Ultrapassando os limites da arte, quem ou o que é responsável pelas mudanças que o cotidiano humano vem sofrendo desde seu surgimento? Uma análise rápida dos pressupostos behavioristas pode levar a conclusões precipitadas como: o behaviorismo ignora a existência do comportamento criativo. Por trabalhar apenas com dados objetivos, seus pressupostos não dão sustentação para a compreensão da criatividade. Na verdade, confunde-se duas vertentes behavioristas, o *behaviorismo metodológico* e o *behaviorismo radical*, e grande parte das críticas lançadas genericamente ao behaviorismo referem-se exclusivamente aos pressupostos e concepções do behaviorismo metodológico (Matos 1995; Kholenberg e Tsai, 2001; Skinner, 1975). Esse trabalho detém-se na compreensão do que é criatividade para o behaviorismo radical.

O Behaviorismo metodológico, criado por J. B. Watson, estuda o comportamento humano baseado no *realismo*, teoria que contrasta com o *pragmatismo* (característico do behaviorismo radical) por sustentar que há um mundo real fora de nós que dá origem às experiências internas. Assim, nós não temos acesso direto ao mundo real, apenas às experiências internas que ele nos causa, a partir das quais formamos uma representação do mundo real. Para um realista, cabe à ciência descobrir a verdade sobre o mundo objetivo (externo). Os behavioristas metodológicos não negam a existência da mente, mas negam-lhe *status* científico ao afirmar que não podemos estudá-la pela sua inacessibilidade. Como realistas, distinguem mundo objetivo de mundo subjetivo e consideravam a ciência constituída de métodos para o estudo do mundo “fora” do sujeito. E, como o mundo subjetivo de cada pessoa é diferente e inacessível, para os behavioristas metodológicos o único caminho para a ciência do comportamento seriam os métodos objetivos, que coletassem dados sensoriais sobre o mundo fora do sujeito, que todos compartilham e sobre o qual poderiam potencialmente concordar (Bawm, 1999). Estudando somente o que pode ser publicamente observado, o behaviorismo metodológico exclui o estudo direto da consciência, dos sentimentos e dos pensamentos (Kholenberg et al, 2001). O behaviorismo metodológico é a base da atividade clínica que veio a ser chamada de ‘terapia comportamental’ (Dougher e Hayes, 2002).

Já o behaviorismo radical não é uma ciência do comportamento e sim sua filosofia. Seria correto afirmar que a análise do comportamento, ao contrário do que muitos pensam. Tanto em sua forma experimental como aplicada, a ciência do comportamento tem sua atuação sustentada pelo

behaviorismo radical. Enquanto filosofia da ciência do comportamento, o behaviorismo radical compartilha de muitas das propostas do *pragmatismo*, principalmente no que se refere a seus pressupostos epistemológicos. Talvez o mais importante dos pragmatistas tenha sido William James, filósofo americano do início do século XX. O pragmatismo contrasta com o realismo por desconsiderar a existência de um mundo real fora do sujeito e a possibilidade de "desvelamento" da verdade última sobre esse mundo e se caracteriza por não fazer nenhuma suposição sobre o mundo real externo, indiretamente conhecido. Para James (1943) a verdade de um conceito reside em sua capacidade de organizar parcelas da nossa experiência, compreendendo-as, e as conseqüências práticas de se adotar uma teoria como verdadeira é que determinam sua adoção ou não por dado grupo de indivíduos.

Outra característica importante do behaviorismo radical é o *contextualismo*, que defende a idéia de que não existem verdades a-temporais, extra-históricas, e universais; a validade ou não de uma proposição varia conforme o contexto em que está inserida. Essa natureza contextual rejeita a idéia de que a expressão do conhecimento sobre algo consiste em declarar o que aquele objeto do conhecimento é; a idéia de que esta coisa possa ter, de alguma forma, uma identidade permanente, como um ente *real* da natureza (Skinner, 1974). Comportamento não é movimento do corpo (concepção do behaviorismo metodológico) e sim interações organismo-ambiente, e não há como definir um comportamento sem as circunstâncias em que ele ocorre.

Para um behaviorista radical comportamento é diferente de resposta (reação de um organismo a um estímulo). Uma mesma resposta pode caracterizar comportamentos diferentes, mantidos por contingências diferentes. Por exemplo, dois homens correm na rua, emitindo a mesma resposta; porém não sabemos qual é a função dessa resposta no contexto de cada um deles. Analisando-se as contingências ambientais que atuam no comportamento dos dois homens poderemos perceber que emitem a mesma resposta, mas comportamentos diferentes: um deles está atrasado e emite a resposta "correr" porque seu ônibus está indo embora sem ele, e o outro, corre como parte da preparação para uma maratona.

Como um desdobramento do pragmatismo e do contextualismo no behaviorismo radical, aparece o *funcionalismo*, ou a ênfase na importância dos efeitos que as conseqüências imprimem na experiência. Porém, a visão funcionalista não fala em **causa**, e sim em **condições necessárias** para a ocorrência do comportamento, buscando as variáveis ou condições das quais o comportamento é

função (Matos, 1995). O behaviorista radical investiga a função de um determinado comportamento para o organismo no contexto em que está inserido, e não sua causa.

O que mais afasta o behaviorismo radical de todas as outras abordagens psicológicas é a visão *não-dualista* de homem, ou seja, a proposta *monista* para compreender a interação do homem com o meio. O *monismo* postula que o homem e as coisas não possuem duas naturezas (mental/material; espiritual/física). O monismo pode ser idealista, se considera apenas a natureza mental das coisas, ou fisicalista, considerando apenas a natureza material. O behaviorismo radical é fisicalista e postula que o pensamento e os demais atos considerados mentais são fenômenos de natureza física, isto é, têm uma existência identificável no espaço e no tempo e portanto são passíveis de serem abordados pela ciência natural (Matos, 1995; Baum, 1999). Nessa medida, a única natureza das coisas é a material, e não faz sentido o conceito de mente. Nossos pensamentos não são a causa de comportamentos. São, eles próprios, um tipo de comportamento, e estão sujeitos às mesmas relações de contingência de qualquer outro tipo de comportamento público ou privado (Dougher e Hayes, 2002). A consciência é vista pelo behaviorista radical como uma metáfora equivalente a *repertório comportamental* e é rejeitada enquanto agente decisor, causador ou mediador do comportamento (Matos, 1995).

Finalizando essa contraposição do behaviorismo radical ao behaviorismo metodológico, cabe explicitar os motivos básicos da denominação “radical”: ele nega radicalmente a existência de algo que escape ao mundo físico, como “mente”, “consciência”, “cognição”, e aceita integralmente todos os fenômenos comportamentais (inclusive os privados) como objeto de estudo.

BEHAVIORISMO RADICAL E CRIATIVIDADE: A criatividade é, para muitos autores, um dos meios principais pelos quais o ser humano se liberta não somente de suas respostas condicionadas, mas também de suas escolhas usuais (Arieti, 1976). Para o behaviorismo radical o comportamento é totalmente determinado pelo ambiente, não havendo possibilidade de o indivíduo se libertar, de alguma forma, de suas respostas condicionadas. Entretanto o behaviorismo radical reconhece a ocorrência de comportamentos que nunca haviam sido emitidos, tanto por um indivíduo específico quanto por toda uma espécie, fornecendo uma explicação alternativa sem recorrer a explicações mentalistas e internalistas do comportamento (Cruvinel, 2002).

A mente criativa, para Skinner (1974: p.100), “...tratava-se de um problema insolúvel para a psicologia de estímulo-resposta porque, se o comportamento nada mais fosse do que respostas a estímulos, estes poderiam ser novos, mas não o comportamento”. O mecanicismo do behaviorismo metodológico, que busca no estímulo precedente à resposta a sua causa, não pode conceber um

comportamento criativo. Já para o behaviorismo radical, o que determina como uma pessoa irá se comportar é sua **história de reforçamento**, e **o ato criativo seria resultado de mutações selecionadas** por sua contribuição para a sobrevivência, assim como o surgimento de novas espécies., *“O condicionamento operante resolve o problema, mais ou menos como a seleção natural resolveu problema semelhante na teoria da evolução. Assim como traços acidentais, surgidos de mutações, são selecionados por sua contribuição para a sobrevivência, assim também variações de comportamento são selecionadas por suas conseqüências reforçadoras”* (Skinner, 1974, p.100).

Um ponto fundamental na teoria de Skinner para que possamos compreender a visão behaviorista radical da criatividade, é a noção de **variação comportamental e seleção por conseqüências**. No modelo de **seleção por conseqüências**, as conseqüências é que irão não só selecionar mas “causar” o comportamento, e não o estímulo que antecede a resposta. Skinner se baseia em Darwin para postular seu modelo de determinação do comportamento: enquanto Darwin busca explicações para a manutenção, extinção e surgimento de espécies, Skinner quer respostas para a manutenção, extinção e surgimento de comportamentos. A “seleção natural” de Darwin é, assim como o modelo de seleção por conseqüências de Skinner, uma **explicação histórica**, pela qual a causa do evento não está presente em lugar nenhum, é a história de eventos passados (Baum, 1999). O comportamento não pode ser explicado apenas por um evento que o antecedeu e sim pela história das conseqüências que esse comportamento causou a esse indivíduo em situações semelhantes no passado. Skinner (1999) argumenta que até Darwin propor que as contingências da natureza criam novas formas, acreditava-se em uma mente criadora do universo, afirmando que a mente criadora de comportamentos em indivíduos é um mito como a mente criadora das espécies. Os comportamentos específicos de espécies também evoluem, ao lado de suas características fisiológicas, anatômicas e morfológicas.

A partir disso, Skinner postula a existência de **três níveis de seleção**, que determinam o comportamento humano. Como afirma Andery (2001:197): *“O comportamento humano precisa ser explicado através da interação de variáveis que são **filogenéticas, ontogenéticas e culturais**”*. O **nível filogenético** se refere à história da espécie, ou seja, às características recebidas dos antepassados, inatas como o comportamento instintivo, não aprendido, incondicionado, típico da espécie. Essa idéia vai contra a idéia de Watson de que o ser humano seria, ao nascer, uma *tábula rasa*. O **nível ontogenético** refere-se à história pessoal do indivíduo: a partir de um repertório comportamental inato, selecionado filogeneticamente através da história de milhões de anos de muitas gerações ascendentes, a relação do indivíduo com as contingências ambientais às quais se expõe no decorrer de sua vida determinará a

maneira como se comporta. É no nível ontogenético que ocorre a modelagem do comportamento através de contingências de reforço e punição. O **nível cultural** de determinação comportamental é o que fundamentalmente diferencia o comportamento humano do comportamento de outros organismos. O homem é o único organismo a apresentar o terceiro nível de seleção, e isso ocorre porque é a única espécie que apresenta o comportamento verbal como característica.

A capacidade exclusivamente humana de comportar-se verbalmente, característica determinada por sua evolução enquanto espécie, torna seu comportamento extremamente complexo se comparado ao de outros organismos. Essa capacidade parece ter sido selecionada em nível filogenético. Em um determinado momento indivíduos que não apresentavam características que os aproximassem da capacidade de emitir comportamento verbal não sobreviviam ou não obtinham sucesso reprodutivo, mantendo-se, através das gerações, apenas os descendentes que apresentassem essa característica. O mesmo parece ter ocorrido com a suscetibilidade ao reforço, que possibilita a ocorrência do comportamento operante, selecionado no nível ontogenético. Os indivíduos que apresentavam essa característica filogenética de sensibilidade às contingências ambientais teriam se adaptado ao ambiente, e puderam passar suas características a seus descendentes. O comportamento humano não é determinado apenas pelo nível ontogenético, através do condicionamento operante. Os determinantes do comportamento humano complexo só poderão ser compreendidos se levarmos em conta variáveis que se articulam entre os três níveis de seleção. As infinitas combinações entre esses níveis fazem com que cada indivíduo da espécie humana, seja absolutamente único.

Isso irá possibilitar uma característica fundamental para que a seleção, em qualquer nível, ocorra: a **variação**, também fundamental tanto na explicação da mudança evolutiva quanto na mudança comportamental. As variações comportamentais são importantes no caso de mudanças no ambiente que exijam novas habilidades dos indivíduos. Os indivíduos são selecionados quando acontece de terem sido reproduzidos com qualquer tipo de variação que, com uma mudança ambiental, se mostra adaptativa (Andery, 2001). O mesmo ocorre com o comportamento. *“Tendo em vista que o meio ambiente nunca se mantém o mesmo, está em constante mudança, a variação do comportamento provavelmente teve um grande valor adaptativo para a sobrevivência dos organismos, tendo sido uma característica selecionada filogeneticamente.”*(Cruvinel, 2002:139). Nesse sentido, quanto mais “estável” for o ambiente de um organismo, “menor” será a variação apresentada.

Apesar disso, a variação nunca deixará de ocorrer, porque, em última instância, é inerente ao comportamento. *“A propriedade do comportamento que torna eficaz a modelagem é que o*

comportamento é variável. Não há duas respostas idênticas, o reforçamento de uma única resposta produz um espectro de respostas, cada uma das quais diferindo da resposta reforçada ao longo de dimensões tais como topografia (forma), força, magnitude, e direção. Dessas respostas, algumas são mais próximas da resposta a ser modelada do que outras e podem ser selecionadas para ser reforçadas da próxima vez” (Catania, 1992 apud Barba, 2002:1). Com o que foi exposto até aqui, poderíamos entender que **o ato criativo, ou seja, a resposta que nunca havia sido antes emitida, é uma característica de todo e qualquer comportamento, pois cada resposta é única.** Porém, pequenas variações entre respostas não são reconhecidas como um ato criativo, não sendo nem percebidas na maioria das vezes. Nesse sentido, o que faz uma variação ser significativa a ponto de ser considerada um ato criativo?

Como já vimos, o fato de sempre haver algum tipo de variação entre as diferentes respostas em um comportamento possibilita que mudanças no ambiente do indivíduo passem a reforçar diferencialmente uma resposta mais específica. **Um ato criativo é aquela resposta que caracteriza a variação específica que foi selecionada.** Em outras palavras, para que um ato seja criativo ele deve ser a resposta variável que passou a receber reforçamento diferencial em detrimento às outras variações de respostas reforçadas até então.

Porém, como afirma Cruvnel (2002: 138): *“...a criatividade (...) é sensível às conseqüências que produz, podendo ser selecionada e mantida por reforçamento.”* Nesse caso a seleção por conseqüências age diretamente sobre a criatividade, do que se conclui que a criatividade é, ela mesma, um comportamento. Enquanto emissão de respostas novas ou diferentes, a criatividade é um comportamento operante. O ambiente, em vez de reforçar respostas semelhantes selecionando comportamentos “estereotipados”, reforça apenas respostas que nunca foram emitidas pelo organismo: a variação entre as respostas é o comportamento operante reforçado. Um indivíduo exposto a essas contingências ambientais emitiria uma maior quantidade de respostas diferentes entre si e seria considerado um indivíduo criativo.

Como vimos, podemos dizer que para Skinner, a diversidade não é vista como algo anômalo ou como um erro, pois a variação e a seleção são a base da produção da criatividade (Micheleto, 2001), Entendendo a variação como o aparecimento inicial de mudanças em uma ou mais propriedades de uma resposta, teremos que variabilidade é a seleção e a manutenção dessa variação. Nesse sentido, a criatividade para um behaviorista radical seria a própria “variabilidade comportamental”.

Estudos recentes têm levado a uma mudança na compreensão da variabilidade comportamental pelos behavioristas radicais. Cada vez mais entende-se a **variabilidade comportamental** como um **comportamento operante**, pelo fato de a própria variabilidade poder ser selecionada e mantida por contingências de reforçamento (Schoenfeld et al., 1966; Schwartz, 1982; Page e Neuringer, 1985; Morris, 1987 apud Barba, 2002). Assim, *“Mutações podem se tornar mais prováveis controlando-se um meio menos preciso ou encorajando perturbações”* (Skinner, 1999:386, grifos nossos), e o indivíduo, neste meio, apresentaria alta taxa de emissão desse comportamento operante (variabilidade comportamental), caracterizando-se como um indivíduo criativo.

Assim como a variação, a variabilidade é um conceito relacional, e para dizermos se há variabilidade comportamental, precisamos de, no mínimo, duas respostas. *“A variabilidade é (...) propriedade de um conjunto de respostas...”* (Barba, 2002:5). No limite, sempre que houver mais de uma resposta, haverá variação. Porém, só diremos que houve variabilidade quando uma propriedade dessas respostas for selecionada pelas conseqüências diferenciais às quais será exposta. As conseqüências às quais as repostas serão expostas são fornecidas pelo ambiente, e na gama de diferentes respostas que foram selecionadas por possuírem a propriedade específica exigida pelo meio, o ambiente poderá atuar com uma nova seleção, exigindo novas propriedades e em diferentes dimensões (força, forma, magnitude, direção). Esse processo ocorre infinitamente. Em estudos experimentais de variabilidade um procedimento comum é apresentar o reforço condicionado à emissão de respostas, ou seqüências delas, que difiram das respostas ou seqüências emitidas anteriormente, em relação a uma das propriedades que caracterizam tais respostas ou seqüências (Schoenfeld et al., 1966; Schwartz, 1982; Page e Neuringer, 1985; Morris, 1987 apud Barba, 2002). Nos estudos, o quão diferente das outras respostas deve ser a resposta a ser reforçada, e como medir essa diferença, são questões definidas segundo critérios arbitrários do experimentador. Esses estudos demonstram que é possível aumentar a probabilidade da emissão de respostas novas através do procedimento de reforçamento diferencial descrito.

Temos, então, que para o behaviorismo radical, a criatividade é um comportamento operante determinado pelas contingências ambientais históricas presentes nos três níveis de seleção: filogenético, ontogenético e cultural. No que concerne ao segundo e terceiro níveis de seleção, se em determinada comunidade os indivíduos são reforçados ao emitirem respostas diferentes das esperadas a um determinado estímulo, teremos nela um alto índice de ‘Variabilidade Comportamental’ e esses indivíduos poderão ser considerados criativos. O comportamento criativo ocorre quando existe

reforçamento contingente à sua emissão. Isso não significa que haja necessariamente contigüidade espaço-temporal entre a resposta (por ex: pintar um quadro) e o estímulo reforçador a ela contingente, e nem mesmo que o reconhecimento da comunidade verbal (fonte de reforçamento social) seja a única contingência reforçadora responsável pela seleção e manutenção desse comportamento. Em alguns casos ela pode estar ausente ou até mesmo imprimir efeitos punitivos. Temos como exemplo muitas das grandes personalidades da arte, que não tiveram qualquer reconhecimento enquanto vivos e nem por isso deixaram de produzir. A análise das contingências que mantêm o comportamento criativo constitui-se em procedimento de extrema complexidade haja vista a enorme gama de estímulos reforçadores e punitivos aparentemente contingentes à resposta criativa e a singularidade da história de relação do indivíduo com o ambiente nos três níveis de seleção.

Além de sempre haver uma relação funcional entre a resposta criativa e as conseqüências desta para o indivíduo, o grau de criatividade diminui ou aumenta dependendo da exigência das contingências de reforçamento em vigor (Cruvinel, 2002). Uma decorrência importante disso é que o comportamento criativo, e até mesmo a criatividade propriamente dita, por serem comportamentos operantes, **são passíveis de aprendizagem**. Para isso bastaria criar contingências ambientais que reforçassem comportamentos originais e/ou punissem os estereotipados: *“Analisando a história individual e genética responsáveis por nosso comportamento, nós podemos aprender como ser mais originais. A tarefa não é pensar em novas formas de comportamento mas criar um ambiente no qual eles sejam mais prováveis de ocorrer”* (Skinner, 1999:401). Desta forma não se teria controle sobre os comportamentos em si, e sim sobre a maior ocorrência de comportamentos novos, criativos e originais.

O próprio ato de pensar em novas formas de comportamento seria o ato criativo e não a emissão do comportamento propriamente dito, pois neste caso, o comportamento já seria esperado. Entretanto, se levarmos em consideração a singularidade da história de relação de cada indivíduo com seu ambiente nos três níveis de seleção por conseqüências e a impossibilidade de controle total dessas variáveis dentro de uma comunidade qualquer, veremos que, na prática, o arranjo de contingências que aumentem a probabilidade de comportamentos criativos ou punam os estereotipados, apesar de possível, não é nada simples.

B. F. Skinner parece ter escrito pouco sobre variabilidade em comparação a outros temas dentro do behaviorismo radical, porém, em livro re-editado nove anos após sua morte intitulado *“Cumulative Record: a selection of papers”* (edição definitiva, 1999) encontramos dois textos do autor que falam especificamente do comportamento do artista criativo: *“Creating the Creative Artist”*, no qual discorre,

entre outras coisas, sobre a possibilidade da criatividade ser aprendida; e “A Lecture on ‘Having’ a Poem” no qual ele faz uma interessante relação entre a mãe que dá à luz uma criança e um poeta que “dá à luz” um poema.

Como vimos, o behaviorismo rejeita a idéia de uma “mente criativa” para explicar a criação das obras de arte, fornecendo uma explicação alternativa para tal fenômeno e comparando a idéia de uma mente criativa do artista, em outro plano, com a de uma mente criadora das diferentes espécies. Dois trechos evidenciam bem essa idéia: “*O behaviorismo radical fornece uma explicação alternativa a fenômenos, tais como a criatividade e a originalidade, sem recorrer a explicações mentalistas e internalistas do comportamento.*” (Cruvinel, 2002:137). E: “*A multiplicidade das formas de vida é causada em termos de mutação e seleção, sem apelar para nenhum desígnio prévio. Existem elementos comparáveis no comportamento do artista que produz trabalhos originais.*” (Skinner, 1999:385).

Seguindo esta idéia e falando exclusivamente da poesia em ‘Lectures on Having a Poem’ Skinner (1999:399) afirma: “*As coisas vivas na superfície da terra mostram uma fantástica variedade – muito além da variedade nos trabalhos de Shakespeare – e elas foram por muito tempo atribuídas a uma mente criativa*”.

Não surpreende que as idéias de Skinner sobre a criação artística tenham encontrado fervorosos opositores. Ele retira do artista qualquer tipo de mérito por sua criação: “*Alguma coisa parece ser tirada do poeta quando seu comportamento é determinado por sua história pessoal e genética. Somente uma pessoa que realmente inicia seu comportamento pode reivindicar a liberdade para fazer tanto e merece o crédito por qualquer conquista. Se o ambiente é a força inicial, ele (o artista) não é livre, e o ambiente precisa ficar com o crédito.*” (Skinner, 1999:398).

Skinner chega a relacionar, metaforicamente, o poeta que “faz” um poema e a mãe que “faz” um bebê. Ambos são criações. Porém ambos podem ser explicados historicamente e pouco se pode atribuir aos indivíduos dos resultados dessa criação. No caso da mãe que “faz” (tem) um bebê, Skinner diz: “*...não é responsável pela cor da pele, cor do olho, força, tamanho, inteligência, talentos, ou qualquer outra característica do bebê. Ela deu a ele a metade dos genes dele, mas ela pegou-os de seus pais. Ela poderia, é claro, ter danificado o bebê...poderia ter pego rubéola, usado drogas... mas ela não fez nenhuma contribuição positiva.*” (Skinner, 1999, p.398). E. mais à frente, complementa comparando com o poema: “*Compor um poema, como ter um bebê, é em grande parte uma matéria de exploração e descoberta, e ambos, poeta e mãe, freqüentemente ficam surpresos pelo que produziram. E porque o poeta não está ciente da origem de seu comportamento, será provável que o*

atribua à mente criativa, mente inconsciente ou talvez a uma mente que pertença a outra pessoa”. (Skinner, 1999:400).

Skinner faz tal comparação por acreditar que a mãe é apenas um lugar no qual um processo biológico muito importante acontece, sem nenhum mérito ou intencionalidade frente ao produto, no caso o filho. Da mesma forma, o poeta também é um lugar, um *locus* no qual uma configuração específica de certas causas genéticas e ambientais ocorrem juntas para um efeito comum, o poema. Essa análise pode ser generalizada para as demais atividades artísticas e até mesmo as não artísticas: o mérito pessoal, e em última instância o próprio livre arbítrio, são tratados como um mito. Assim, pensar que temos mérito por nossos feitos e que somos, de alguma forma, livres para tomarmos nossas decisões (logo responsáveis por elas), é um comportamento selecionado pelas conseqüências. Levando-se em consideração que o ambiente deva receber os méritos pela criação artística e não o artista, a única razão para que uma pessoa pinte um quadro, por exemplo, são as conseqüências causadas por esse comportamento para o organismo que se comporta.

Do mesmo modo, as pessoas olham para as pinturas também por causa das conseqüências de tal ato. A combinação da história individual nos três níveis de seleção irá determinar, de certa forma, o que será ou não reforçador: “...*nós somos reforçados pelas pinturas por razões idiossincráticas*” (Skinner, 1999:381). Para algumas pessoas, há algumas pinturas reforçadoras e outras não. Para outras pessoas, nenhuma pintura será realmente reforçadora, de modo que pouco olhe para elas e praticamente não emita comportamentos que tenham como conseqüência a maior probabilidade de vê-las, como por exemplo ir a uma exposição de arte ou a um museu.

Tudo que foi dito até aqui demonstra que o behaviorismo radical tem uma visão bastante particular da criatividade. O que mais o diferencia de outras teorias psicológicas é o ‘não mentalismo’, que implica em uma série de outras diferenças na concepção de questões mais específicas do fenômeno humano, como ‘pensamento’, ‘significado’, ‘psique’ e ‘criatividade’. Outra diferença fundamental é o determinismo ambiental e histórico do comportamento humano. Conceitos como, ‘intenção’, ‘vontade’, ‘conhecimento’, ‘inteligência’, ‘consciência’, ‘livre arbítrio’, ‘responsabilidade’, ‘mérito’ e ‘culpa’, acabam sendo compreendidos de maneira muito particular pelo behaviorista radical. Sua concepção de ‘verdade’ e ‘conhecimento científico ou conhecimento válido’ também implicam em uma maneira particular de compreender o mundo. Apesar dessa característica sugerir uma aproximação epistemológica das chamadas teorias psicológicas ‘pós-modernas’, a utilização pragmática da pesquisa empírica na ‘Análise do Comportamento’ distancia o behaviorismo radical e a própria ‘Análise do

Comportamento’ dessas psicologias. Portanto não é de se estranhar que a visão behaviorista radical de criatividade destoe de modo significativo da maioria das visões que se têm sobre o tema, inclusive as de senso comum.

Por outro lado, alguns aspectos abordados oferecem uma condição de diálogo com abordagens que defendem uma análise “em rede”, ou a compreensão da criatividade como um fenômeno complexo, a ser compreendido em seus múltiplos encadeamentos, que propiciam configurações específicas de relação entre o sujeito e o ambiente, cujo resultado seria o comportamento criativo. Entre esses aspectos podemos enumerar a condição histórica e contextual do comportamento criativo, e a visão não mentalista e monista dessa abordagem que, apesar de seu caráter fisicalista, evita a separação entre sujeito e mundo, característica de outras abordagens psicológicas.

No plano das artes, esse pensamento sugere semelhanças à idéia medieval de que o artista era apenas o *locus* propício para a manifestação de Deus que se evidenciava na grandeza da obra. Em ambos os casos o artista, em si, não merece crédito pela obra produzida, sendo assim, Deus ou a história de seleção nos três níveis de determinação a quem os créditos deveriam ser delegados.

Na era moderna, com a crença na determinação interna dos comportamentos, tanto nas ciências como no senso comum, passou-se a atribuir um valor ao produtor da obra, valor esse vinculado ao próprio valor atribuído à obra. Ou seja, as obras ‘mais originais’ denotavam ‘maior criatividade’ daqueles que as produziam. Assim, a criatividade aparece como algo que o artista possui, talvez em maior quantidade do que aqueles não tão originais. Essa criatividade existiria numa dimensão ‘não-física’, assim como a própria mente, a consciência, ou a personalidade. E a posse disso que se denomina criatividade, explicaria porque determinado artista se mostra capaz de produzir obras tão originais. Para o behaviorista radical essa seria uma pseudo-explicação, uma inversão característica das teorias mentalistas, na qual a conseqüência é colocada como causa do fenômeno. Ou seja, para um behaviorista radical dizemos que um artista é criativo pela originalidade de suas obras e não que suas obras são originais porque o artista é criativo. Quando atribuímos a causa do comportamento do artista à criatividade, não obtemos nenhum real avanço para a compreensão de tal fenômeno.

Outro aspecto importante que foi levantado no presente trabalho, merecendo algumas considerações, é o fato de que para o behaviorismo radical não só o comportamento criativo em si como a própria variabilidade comportamental (criatividade) são passíveis de aprendizagem operante, uma vez que sofrem a ação de contingências ambientais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERY, M, A, P. O modelo de seleção por conseqüências e a subjetividade. In: BANACO, R, A (org). *Sobre Comportamento e Cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista*. 1º ed. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2001.
- ARIETI, S. *Creativity: The Magic Syntesis*. New York, Basic Books, 1976.
- BARBA, L, S. Variabilidade Comportamental Aprendida. <http://www.usp.br>, 2002.
- BAUM, W. *Compreender o Behaviorismo: Ciência, Comportamento e Cultura*. Porto Alegre, Artes médicas, 1999.
- CRUVINEL, A, C; SADI, H, M; MEDEIROS, M, A. *Variabilidade Comportamental: Uma Introdução*. In: TEIXEIRA, A, M, S; et al (org). *Ciência do Comportamento: conhecer e avançar*. Santo André, SP, ESETec Editores Associados, 2002.
- CUPERTINO, C, M, B. *Criação e formação: fenomenologia de uma oficina*. São Paulo, Editora Arte & Ciência, 2001
- DOUGHER, M, J; HAYES, S, C. *Clinical Behavior analysis*. In: DOUGHER, M, J (editor). *Clinical Behavior analysis*. Reno, Nevada, Context Press, 2000, pp. 11-25.
- JAMES, W. *A filosofia de Willian James: seleção de suas obras principais*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1943.
- MATOS, M, A. Behaviorismo metodológico e behaviorismo radical. In: RANGE, B (org). *Psicoterapia comportamental e cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas*. Campinas, Editorial PSY, 1995.
- MICHELETTO, N. Variação e seleção: as novas possibilidades de compreensão do comportamento humano. In: BANACO, R, A (org). *Sobre Comportamento e Cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista*. 1º ed. Santo André, ESETec Editores Associados, 2001.

SKINNER, B, F. A Lecture on “Having” a Poem. In: SKINNER, B, F. *Cumulative Record: Definitive Edition*. Massachusetts, 1999, pp. 391-401.

_____. Creating the Creative Artist. In: SKINNER, B, F. *Cumulative Record: Definitive Edition*. Massachusetts, 1999, pp.379-89.

_____. *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo, Cultrix, 1974.